



EIXO 8: TRABALHO DOCENTE E O TRABALHO DE EDUCAR EM E COM MOVIMENTOS SOCIAIS

AS PONTUALIDADES DE MULHERES NEGRAS E SUAS EXPERIÊNCIAS COMO PROFESSORAS E MILITANTES DA CRECHE MARIELLE FRANCO

Shirley dos Santos Vera Cruz
PPGECI/ UFRPE/FUNDAJ
shirleyveracruz76@gmail.com

Margarete Cordeiro Costa Enes
PPGECI/UFRPE/FUNDAJ
Margarete25enes@gmail.com

Resumo

O trabalho foi pensando e desenvolvendo com a finalidade de investigar a construção das experiências de três mulheres negras educadoras sobre o processo de implantação e funcionamento da creche Marielle Franco, Localizada na Ocupação Carolina de Jesus, sendo a primeira creche, instituída pelo MTST- Movimento dos Trabalhadores sem Teto em Pernambuco. Com o objetivo de compreender como as mulheres educadoras da creche Marielle Franco influenciaram o processo de elaboração da chamada “pedagogia sem teto”, a pesquisa, de caráter qualitativo, buscou as narrativas dessas educadoras sobre suas experiências, por um lado, com as crianças, as famílias e a comunidade da ocupação e, por outro lado, com o coletivo de educação do MTST. A creche ficava dentro da ocupação Carolina de Jesus, localizada na Estação do Barro, em Recife. Era administrada financeiramente pela Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional em Pernambuco (FASE), e mantida pela *OAK Foundation*, uma entidade filantrópica alemã. O projeto trata dessas relações que entrelaçam trajetórias individuais e coletivas na construção de caminhos para a criação de espaços pedagógicos populares, a partir de perspectivas descolonizadoras - em relação às pedagogias presentes no sistema escolar colonizado por perspectivas liberais hegemônicas nas sociedades capitalistas. Sendo assim O papel social da pesquisa é demonstrar as possibilidades de construir coletivamente processos educativos de educação popular com o protagonismo das mulheres não apenas intelectuais militantes, como também as mulheres trabalhadoras que moram em comunidades precarizadas pela omissão dos poderes públicos. A pedagogia sem-teto concebe a educação popular como um processo ativo de construção pessoal e social de conhecimentos, orientado ao desenvolvimento integral e à emancipação dos sujeitos das estruturas políticas, ideológicas e socioeconômicas que reproduzem e acentuam as desigualdades sociais e o

sofrimento psíquico. Consiste, pois, em uma prática de transformação pessoal e social que posiciona os educandos como sujeitos ativos do processo de ensino-aprendizagem. (Nowicki, Silva, 2023, p. 24). Para Larrosa (2002), a narrativa é uma modalidade discursiva na qual as histórias que contamos e as histórias que ouvimos, produzidas e mediadas no interior de determinadas práticas sociais, passam a construir a nossa história, a dar sentido a quem somos e a quem são os outros, constituindo assim as identidades- de gênero, sexual, racial, religiosa, profissional, de classe social, de mãe/pai, filha/o, esposa/o, entre outras. Desse modo, construímos e expressamos a nossa subjetividade a partir das formas linguísticas e discursivas que empregamos nas nossas narrativas. Geralmente tal processo se inicia na família e vai criando ramificações e desdobramentos a partir das outras relações que o sujeito estabelece. A identidade negra é entendida, aqui, como uma construção social, histórica, cultural e plural. Implica a construção do olhar de um grupo étnico/racial ou de sujeitos que pertencem a um mesmo grupo étnico/racial sobre si mesmos, a partir da relação com o outro. Meu nome é Emanuelle, tenho 29 anos, sou pedagoga, militante do MTST, resido em Rua Córrego do Curió, dois Unidos. Sou uma mulher negra, heterossexual. Minha militância começou a partir do movimento estudantil, diretório acadêmico, Remis Carla, no Centro de Educação da UFPE, no curso de pedagogia. Depois avançou para o MEP- Movimento Estudante de Pedagogia, encerrou em 2019, aí entrou a pandemia e entrei no MTST- Movimento dos Trabalhadores sem Teto no setor de Educação pela creche sendo uma das professoras. (Dilly – Professora da creche Marielle Franco, 26/02/2025). O movimento possui uma prática de acolhimento a todos do trabalhadores sem-teto, e com aqueles que fazem parte do movimento constrói um sentimento de pertencimento para aquele grupo social, valorizando o coletivo, fazendo com que haja um processo de enraizamento na luta coletiva e construção da identidade de pertencimento. Com isto a pedagogia que valoriza o sujeito sem teto enquanto um sujeito autônomo e protagonista das suas próprias lutas e emancipação, é uma pedagogia que fomenta espaços de participação popular, discussão, formação política, e decisão coletiva, onde todos tenham o direito de construção respeitados. (Souza, p. 80). Para que haja educação, é necessário a intencionalidade. Ela nos permite refletir e definir objetivos, metas, escolher conteúdos e metodologias adequadas, além da avaliação e monitoramento do processo de ensino-aprendizagem. No que diz respeito aos movimentos sociais, há a intencionalidade de educar e atuar na formação das pessoas, mesmo que isso ainda não esteja sistematizado, encontra-se atravessado nas práticas do movimento e nos últimos tempos se começou a refletir melhor sobre elas. A nossa missão como professoras da creche foi de proporcionar uma educação popular para crianças, criando



um lugar seguro, de afeto, de segurança alimentar, de aprendizagem, um lugar de troca com as famílias. Nesse lugar não só ensinamos mas, aprendemos também, cada uma com a outra, e todas com a comunidade. Entendemos, ao fazer esta pesquisa (auto)biográfica, o quanto foi importante para o crescimento profissional essa experiência singular em que vivenciamos tudo, desde a instalação do espaço, à criação de uma rotina, passando pela adaptação do atendimento no período da pandemia. Tudo isso enfrentando os desafios de manter uma creche dentro de uma ocupação precária. Mas é isto que queremos continuar fazendo, na luta, através do movimento, é isto que o setor de educação continua fazendo mesmo sem existir o espaço físico da creche. Amadurecemos enquanto profissionais, como militantes, e como mulheres negras lutamos todos os dias para ter nosso lugar respeitado, valorizado e reconhecido dentro do movimento e da comunidade.

Palavras – Chave: MTST; Mulheres negras; Pedagogia sem Teto.

Referências

BONDÍA, Larrosa Jorge. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. **Revista Brasileira de Educação**, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

SILVA, Marco Antônio Morgado Da *et al.* **Construindo uma pedagogia sem teto: fundamentos e práticas de educação popular no MTST** /. São Paulo: Fundação Lauro Campos e Marielle Franco, 2023.

SOUZA, Isis Thayzi Silva de. **A pedagogia do movimento dos Trabalhadores Sem Teto: que filosofia sai desse chão**. Dissertação 2023. Dissertação (Programa de pós-graduação em educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife.